

# Aqueles que se afastam de Ômelas

conto do livro "As doze moradas do Vento"

Ursula K. Le Guin

1973

Com um clamor de sinos marcados pela elevação das andorinhas, deu-se o início ao Festival de Verão da cidade de Ômelas, com suas brilhantes torres à beira-mar.

O equipamento dos barcos no porto brilhavam com suas bandeiras. Nas ruas, entre as casas com telhados vermelhos e paredes pintadas, entre antigos jardins cobertos de musgo e sob avenidas de árvores, grandes parques do passado e edifícios públicos, as procissões se moviam. Algumas eram decorosas: idosos em longas túnicas rígidas de malva e cinza, operários mestre austeros, quietos, mulheres alegres carregando seus bebês a bater papo enquanto caminhavam. Em outras ruas a música com batidas mais rápidas, um cintilante gongo e pandeiro, as pessoas dançavam, a procissão era uma dança. Crianças corriam, indo e vindo se esquivando, seus gritos altos subindo como o voo das andorinhas, cruzando sobre a música e o canto. Todas as procissões dirigiam-se para o lado norte da cidade onde, no grande prado d'água chamado Campos Verdes, meninos e meninas, nus ao ar brilhante, com pés e tornozelos manchados de lama e esbeltos braços longos, se esforçavam em controlar seus inquietos cavalos antes da corrida. Os cavalos não usavam quaisquer arreios, mas um cabresto simples. Suas crinas foram trançadas com fitas prateadas, douradas e verdes. Eles alargavam suas narinas e empinavam e vangloriavam-se uns aos outros; eles estavam muito excitados; sendo os cavalos os únicos animais a adotarem nossas cerimônias para eles próprios. Ao longe, ao norte e oeste, as montanhas se elevavam circundando metade de Ômelas em sua baía. O ar da manhã era tão límpido que a neve ainda coroando os Dezoito Picos queimava com o fogo branco-dourado através de milhas de ar iluminadas pelo sol, sob o azul escuro do céu. Havia vento suficiente apenas para fazerem flutuar, de vez em quando, os estandartes fincados que marcavam a rota da pista de corrida. No silêncio dos grandes prados verdes pode-se ouvir a música sinuosa pelas ruas da cidade, mais distante e mais próximo e se aproximando, uma alegre doçura leve do ar que, de vez em quando, treme e se aglomera e estoura em um grande clangor alegre dos sinos.

Que alegria! Como se deve falar da alegria? Como descrever os cidadãos de Ômelas? Eles não eram um povo simplório, note, embora fossem felizes. Mas nós não dizemos mais palavras animadoras. Todos os sorrisos tornaram-se arcaicos. Dada uma descrição como esta tende-se a fazer certas suposições. Dada uma descrição como esta tende-se a procurar, nas proximidades, um rei, montado em um garanhão esplêndido e rodeado por seus nobres cavaleiros ou, talvez, em uma liteira dourada sendo transportado por grandes e musculosos escravos. Mas não havia rei. Eles não usam espadas nem mantinham escravos. Eles não eram bárbaros. Eu não conheço as regras e leis de sua sociedade, mas suspeito que elas eram singularmente poucas. Assim como viviam sem monarquia e nem escravidão, também existiam sem a bolsa de valores, o anúncio, a polícia secreta e a bomba. No entanto, repito que estas não eram pessoas simplórias, nem pastores dóceis, nobres selvagens, utópicos insossos. Eles não eram menos complexos do que nós.

O problema é que temos um mau hábito, incentivado por pedantes e sofisticados, de considerar a felicidade como algo muito estúpido. Só a dor é intelectual, só o mal é interessante. Esta é a traição do artista: a recusa em admitir a banalidade do mal e o terrível tédio da dor. Se você não pode vencer o inimigo, junte-se a ele. Se dói, repita. Mas louvar o desespero é condenar o prazer. Abraçar a violência é perder o controle de todo o resto. Nós quase perdemos o caminho; já não podemos descrever um homem feliz, nem fazer qualquer celebração da alegria. Como é que eu posso lhe falar do povo de Ômelas? Eles não eram crianças inocentes e felizes – apesar de suas crianças serem, de fato, felizes. Eram adultos inteligentes, maduros, e apaixonados, cujas vidas não eram miseráveis. Ó maravilha! Mas eu gostaria de poder descrevê-los melhor. Eu gostaria de poder lhes convencer. Ômelas soa, em minhas palavras, como uma cidade em um conto de fadas, há muito tempo, em um lugar muito longe, "era uma vez...". Talvez seria melhor se você imaginasse com suas próprias ideias de fantasia, supondo que elas irão lhes satisfazer, pois certamente não posso atender a todos vocês.

Por exemplo, que tal tecnologia? Eu acho que não haveria carros nas ruas nem helicópteros acima delas; isso decorre do fato de que as pessoas de Ômelas são felizes. Felicidade é baseado em discernir o que é necessário, do que não é necessário mas não destrutivo e do que é destrutivo. Na categoria do meio, no entanto – a do desnecessário, mas não destrutivo, que é a do conforto, luxo, exuberância, etc – eles poderiam perfeitamente ter aquecimento central, trens de metrô, máquinas de lavar e todos os tipos de dispositivos maravilhosos que ainda não inventaram aqui, fontes de luz flutuantes, motores sem combustível, uma cura para o resfriado. Ou eles poderiam não ter nada disso; não importa, imagine o que você quiser. Eu me inclino a pensar que as pessoas das cidades acima e abaixo da costa foram

chegando a Omelas, durante os últimos dias antes do Festival, em pequenos e velozes trens e bondes de dois andares e que a estação de trem de Omelas é na verdade o prédio mais bonito de cidade, embora mais simples que o magnífico Mercado dos Agricultores. Mas, mesmo que possua trens, temo que Omelas, até agora, se pareça a alguns de vocês um lugar certinho demais. Sorrisos, sinos, desfiles, cavalos, bleh... Se assim for, por favor, adicione uma orgia. Se uma orgia for ajudar, não hesite. Não teremos, porém, templos a partir do qual surgirão belos sacerdotes e sacerdotisas nus, já meio em êxtase e prontos para copular com qualquer homem ou mulher, amante ou estrangeiro, que deseje a união com a divindade profunda do sangue, apesar de que foi a minha primeira ideia. Na verdade, seria melhor não ter nenhum templo em Omelas – pelo menos, não templos ocupados. Religião sim, clero não. Certamente os belos nus podem simplesmente vaguear, oferecendo-se como sufflê divinos para a fome dos necessitados e do arrebatamento da carne. Deixe que eles participem das procissões, como tamborins atingidos acima das cópulas e a glória do desejo ser proclamado sobre os gongos e (um ponto não insignificante) deixar a prole destes rituais deliciosos ser amada e cuidada por todos.

Uma coisa que eu sei que não há em Omelas é culpa. Mas o que mais deve haver? Pensei a princípio que não haveria drogas, mas isso é puritanismo. Para quem gosta, a doçura insistente e lânguida do *drooz* pode perfumar os caminhos da cidade. *Drooz* que, pela primeira vez, traz uma grande leveza e brilho para a mente e membros e, em seguida, depois de algumas horas um sonho lânguido e visões maravilhosas dos arcano e mais íntimos segredos do universo, assim como um emocionante prazer do sexo para além da crença; mas isso não é um hábito naquela cidade. Para gostos mais modestos eu acho que deveria haver cerveja. O que mais, que outra coisa mais pertence à cidade alegre? A sensação de vitória, certamente, a celebração da coragem. Mas, como a fizemos sem clero, vamos fazê-la sem soldados. A alegria construída sobre matança bem sucedida não é o tipo certo de alegria; não acontecerá; é temível e banal. Uma satisfação ilimitada e generosa, um triunfo magnânimo, sentido não contra um inimigo externo, mas em comunhão com o melhor e mais justo nas almas de todos os homens em toda parte e no esplendor do verão do mundo: é o que preenche os corações do povo de Omelas, e a vitória que eles comemoram é a da vida. Eu realmente não acho que muitos deles precisam tomar *drooz*.

A maior parte da procissão chegou aos campos verdes agora. Um aroma maravilhoso de cozidos sai das tendas vermelhas e azuis de alimentação. Os rostos das crianças pequenas estão amigavelmente pegajosos; na barba grisalha benigna de um homem estão entrelaçados migalhas de saborosas pastelarias. Os jovens e as meninas montaram seus cavalos e estão iniciando um grupo em torno da linha de partida do percurso. Uma mulher idosa, pequena, gorda e sorridente está distribuindo flores de um cesto e jovens homens altos as colocam em seus cabelos brilhantes. Um garoto de nove ou dez anos se senta na borda da multidão, sozinho, tocando uma flauta de madeira. As pessoas param para ouvi-lo e sorriem, mas não falam com ele, pois ele nunca deixa de tocar e nunca olha para eles, seus olhos escuros totalmente absorto na magia fina e doce da música. Ele termina e, lentamente, baixa as mãos segurando a flauta de madeira. Como se esse silêncio privado fosse um sinal, de uma só vez, soam as trombetas de um pavilhão perto da linha de partida: imperioso, melancólico, profundo. Os cavalos, em suas pernas finas, recuam em resposta. Os jovens montadores, demonstrando tranquilidade, acariciam os pescoços dos cavalos para acalmá-los, sussurrando: "Calma, calma, minha beleza, minha esperança ...". Eles se colocam ao longo da linha de partida conforme a classificação. As multidões ao longo da pista de corrida são como um campo de grama e flores ao vento. O Festival de Verão já começou.

Você acredita? Você aceita o festival, a cidade, a alegria? Não? Então deixe-me descrever mais uma coisa.

Em um porão debaixo de um dos belos edifícios públicos da Omelas, ou talvez na adega de uma das suas espaçosas residências, existe um quarto com uma porta trancada e sem janelas. Uma réstia de luz penetra pela poeira entre rachaduras nas placas. Em um canto do pequeno quarto, um par de esfregões, duros, coagulados, fedorentos estão perto de um balde enferrujado. O chão é de terra, um pouco úmido ao toque, como adega de terra normalmente é. O quarto é de cerca de três passos de comprimento e dois de largura: um mero armário de vassouras ou sala de ferramenta em desuso. Neste quarto uma criança está sentada. Poderia ser um menino ou uma menina. Parece ter cerca de seis anos mas, na verdade, tem quase dez. É débil mental. Talvez nasceu com defeito ou, talvez, tenha se tornado imbecil através do medo, desnutrição e abandono. Ela esfrega seu nariz e, ocasionalmente, se atrapalha vagamente com seus dedos do pé ou genitais, pois fica encolhido no canto mais distante do balde e dos dois esfregões.

É medo dos esfregões. Os acha horríveis. Ela fecha os olhos, mas sabe que os esfregões ainda estão lá, de pé; e a porta está fechada; e ninguém virá. A porta está sempre trancada; e ninguém nunca vem, só que às vezes – a criança não tem compreensão de tempo ou intervalo – às vezes a porta chocoalha terrivelmente e se abre e uma pessoa, ou várias pessoas, estão lá. Um deles pode entrar e chutar a criança para fazê-la levantar-se. Os outros nunca chegam perto, mas a espreitam com olhos assustados, enojados. A tigela de comida e o jarro de água são rapidamente preenchidos, a porta é trancada e os olhos desaparecem. As pessoas na porta nunca dizem nada, mas a criança, que nem sempre viveu na sala de ferramenta e pode lembrar-se de luz solar e da voz de sua mãe, às vezes fala. "Eu vou ser bom", ela diz. "Por favor, deixe-me sair. Vou ser bom!" Eles nunca respondem. A criança costumava gritar por ajuda durante a noite, e chorar bastante tempo, mas agora ela só faz uma espécie de choramingo, "eh-haa, eh-haa", e fala menos e com menos frequência. Ela é tão fina que não há panturrilhas nas pernas; sua barriga se projeta; ela vive com meia tigela de farinha de milho e gorduras por dia. Ela está nua. As suas nádegas e coxas são uma massa de feridas infeccionadas, enquanto se senta em seu próprio excremento continuamente.

Todos sabem que ela está lá, todo o povo de Ômelas. Alguns deles chegaram a vê-la, outros se contentam apenas em saber que está lá. Todos eles sabem que precisa estar lá. Alguns deles entendem o porquê, outros não, mas todos entendem que a sua felicidade, a beleza de sua cidade, a ternura de suas amizades, a saúde de seus filhos, a sabedoria dos seus estudiosos, a habilidade de seus fabricantes, mesmo a abundância da sua colheita e o clima agradável de seus céus, dependem inteiramente do sofrimento abominável desta criança. Isso geralmente é explicado às crianças quando estão entre oito e doze anos, sempre que elas parecem capazes de compreender; e a maioria das pessoas que vêm para ver a criança são jovens, embora muitas vezes adultos venham, ou retornem, para ver a criança. Não importa quão bem o assunto tenha sido explicado a eles, esses jovens espectadores sempre ficam chocados e enojados com a visão. Eles sentem desgosto, quando se julgavam superiores. Eles sentem raiva, indignação, impotência, apesar de todas as explicações. Eles gostariam de fazer algo para a criança. Mas não há nada que possam fazer. Se a criança for trazida à luz do sol, fora daquele lugar vil, se fosse limpa e alimentada e confortada, o que seria uma coisa boa, na verdade; mas se isso fosse feito, nesse dia e nessa hora toda a prosperidade, beleza e prazer de Ômelas iria murchar e se destruir. Estes são os termos.

Trocar toda a bondade e graça de cada vida em Ômelas por essa pequena e única melhora; jogar fora a felicidade de milhares para a possibilidade da felicidade de um: seria deixar a culpa dentro dos muros de fato. Os termos são estritos e absolutos; nem mesmo uma palavra amigável pode ser dita à criança. Muitas vezes, os jovens vão para casa em lágrimas, ou em uma raiva sem lágrimas, quando eles vêem a criança e enfrentam este terrível paradoxo. Eles podem meditar sobre isso por semanas ou anos. Mas, com o passar do tempo eles começam a perceber que, mesmo que a criança pudesse ser libertada, ela não iria ficar muito bem com sua liberdade: um pouco de prazer vago, de calor e comida, sem dúvida, mas pouco mais. É muito degradada e imbecil para conhecer qualquer alegria real. Ela teve medo por tanto tempo que nunca mais seria livre do medo. Seus hábitos são demasiado rudes para ela responder a um tratamento humano. Na verdade, depois de tanto tempo que provavelmente seria infeliz sem paredes sobre ela para protegê-la, e sem as trevas para os seus olhos, e seu próprio excremento para sentar-se por cima dele. Suas lágrimas pela injustiça amarga, secam, quando eles começam a perceber a terrível justiça da realidade, e a aceitá-la. No entanto, as suas lágrimas e raiva, as provas da sua generosidade e da aceitação de sua impotência que são, talvez, a verdadeira fonte do esplendor de suas vidas. Deles não é uma felicidade irresponsável e insípida. Eles sabem que, como a criança, não são livres. Eles conhecem compaixão. É a existência da criança e seu conhecimento de sua existência que possibilita a nobreza de sua arquitetura, a pungência de sua música, a profundidade de sua ciência. É por causa da criança que eles são tão gentis com as crianças. Eles sabem que se uma coitada não estivesse lá a choramingar no escuro, o outro, o flautista, não poderia fazer nenhuma música alegre como os jovens cavaleiros que se alinham em sua beleza para a corrida à luz do sol da primeira manhã de verão.

E agora, você acredita neles? Eles são mais críveis?

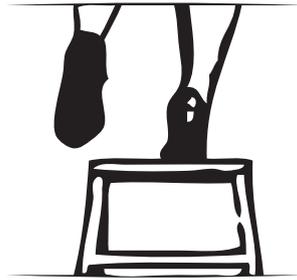
Mas há mais uma coisa a dizer, e isso é muito incrível.

Às vezes, uma das meninas ou meninos adolescentes que vão ver a criança não vai para casa para chorar ou ficar com raiva; não voltam, de fato, para casa. Às vezes, também um homem ou uma mulher muito mais velha fica em silêncio por um dia ou dois, e depois sai de casa. Essas pessoas vão para a

rua, e caminham sozinhas. Mantêm-se de pé andando e andam em linha reta para fora da cidade de Omelas, através de seus belos portões. Elas continuam, atravessando os campos agrícolas de Omelas. Cada um vai sozinho, o jovem ou menina, homem ou mulher. A noite cai; o viajante tem de passar pelas ruas da vila, entre as casas com iluminação amarela nas janelas, e na escuridão dos campos. Cada um sozinho, eles vão para o oeste ou para o norte, em direção às montanhas. Eles vão. Abandonam Omelas, sempre em frente para a escuridão, e eles não voltam. O lugar para onde eles se dirigem é ainda menos imaginável para a maioria de nós do que a cidade da felicidade. Eu realmente não posso descrevê-lo. É possível que não exista.

Mas eles parecem saber para onde vão, aqueles que se afastam de Omelas.

Biblioteca Anarquista



Ursula K. Le Guin  
Aqueles que se afastam de Ômelas  
conto do livro "As doze moradas do Vento"  
1973

Adquirido em <https://shsdavisapes.pbworks.com/f/Ômelas.pdf>  
Baseei minha tradução na versão presente no site  
<https://wilburdcontos.blogspot.com/2016/08/conto-aqueles-que-se-afastam-de-omelas.html>, escrita  
por JorgeK'3'58, mantendo a maior parte do texto, mas corrigindo erros de sintaxe e alterando  
algumas palavras, pra se assemelhar mais ao original.

**[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)**